

PÁGINAS CAMPINEIRAS

Odilon Nogueira de MATOS

Pela terceira vez, nossa publicação acolhe em suas páginas um elenco de temas campineiros: a primeira, em 1974, ao ensejo do bicentenário de Campinas, quando seu número 59 foi todo preenchido com uma série de textos de interesse para a história da cidade; a segunda, em 1985, quando seu número 117 reuniu diversos trabalhos avulsos, visando todos a transmitir aos leitores "um pouco da história de Campinas", título que foi dado ao volume, para o qual contamos com a colaboração de Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci.

Agora, estas "páginas campineiras" retomam a preocupação de divulgar a crônica histórica de nossa cidade, motivada por importante efeméride que o ano em curso assinala, qual o bicentenário da criação do município de Campinas. Ocorrência marcante e significativa na história de uma cidade, esta da instalação do poder municipal, como demonstração da evolução natural do aglomerado urbano, desde que Barreto Leme lançou seus primeiros fundamentos (1774) até as providências de fins de 1797, quando a freguesia das Campinas deixou de ser apenas um aglomerado pertencente ao termo de Jundiáí.

Boa parte destas **Páginas Campineiras** visa à reconstituição dos acontecimentos que resultaram na instalação da **Vila**, não mais de Campinas, mas de **São Carlos**, nome imposto, como se verá, pela maior autoridade da Capitania paulista, seu capitão-mor Antônio Manuel de Castro e Mendonça. Contudo, um nome apenas oficial, que não "pegou", não suplantando nem eliminando o nome que lhe fora dado pelos primeiros povoadores. Dois textos de viajantes que estiveram em Campinas quando já fazia mais de vinte anos que seu nome fora mudado para São Carlos, mostram que este novo nome só aparecia nos documentos oficiais, e assim mesmo, na maior parte só nos de procedência governamental. No uso corrente, o aglomerado urbano

continuou a ser **Campinas**. Tanto que, ao ser elevado à categoria de "cidade", em 1842, teve restaurada sua primitiva denominação.

Para a elaboração deste número especial de nossa revista, servimo-nos de matéria já publicada, mas de acesso difícil, ao lado de alguns capítulos inéditos. Abrimos o fascículo com a reprodução do trabalho do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt sobre as origens da cidade e sua evolução até o início do século passado. Tem este trabalho grande interesse por ser o primeiro publicado sobre a história de Campinas e mereceu várias reproduções, às quais juntamos mais esta. Apareceu originalmente no **Almanaque Literário de São Paulo**, volumes 4 e 5, de 1878 e 1879; posteriormente, no **Catálogo da Primeira Exposição Regional de Campinas**, de 1885; na **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes**, nº 2, de 1904; na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, volume 40, de 1942 (edição que utilizamos) e no **Suplemento Histórico**, do "Correio Popular", de Campinas, dirigido por José de Castro Mendes, nº 1, de 6 de junho de 1968.

Médico irlandês (1818-1893), Ricardo Gumbleton Daunt veio para Campinas em 1841. Além do exercício de sua profissão, teve intensa participação na vida pública e cultural da cidade, pois foi vereador, juiz-de-paz, inspetor da Instrução Pública e deputado à Assembléia Provincial. Historiador e genealogista, deixou vários trabalhos, entre os quais o que transcrevemos neste fascículo. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e é patrono de uma das cadeiras da Academia Campinense de Letras, ocupada, desde a fundação do sodalício, por outro médico e historiador, Lycurgo de Castro Santos Filho.

Campinas não o esqueceu, dando seu nome a uma importante rua da cidade. E a casa onde residiu, à rua Marechal Deodoro, ainda existente, abriga uma das dependências de nossa Pontifícia Universidade Católica e ostenta, em sua parede externa, placa alusiva, colocada a 30 de agosto de 1918, por ocasião do centenário do homenageado.

A diversos outros cultores da história campineira fizemos empréstimos para a elaboração deste volume: a Omar Simões Magro, na descrição da instalação da vila; a Celso Maria de Mello Pupo, no belo estudo sobre a primeira luta política de Campinas; a Roberto Thut, na explanação bem fundamentada acerca da origem do nome "São Carlos", dado à nova vila; aos viajantes Luís d'Alincourt, Auguste de Saint-Hilaire e Daniel Kidder, em seus depoimentos sobre a vila de São Carlos; a Benedito Otávio, no documento

por ele divulgado relativo à aclamação da Independência do Brasil na vila sancarlense: ao jornalista e cultor da História, Benedito Barbosa Pupo, na sua magnífica evocação de importante bairro da cidade, a Vila Industrial.

De nossa autoria, o histórico com toda a documentação respectiva, da efeméride comemorada no ano em curso. Todas as peças aqui transcritas encontram-se no volume terceiro da coleção **Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo**, pp. 3 a 25, edição do Arquivo do Estado, de 1894. Honramo-nos com a prioridade de ter sido o primeiro a divulgar esses documentos em nossa cidade, quando, em 1938, dedicamos ao assunto três artigos no "Diário do Povo", dias 30 de janeiro, 1 e 2 de fevereiro. Cinquenta anos depois, aproveitamo-los de maneira mais completa no pequeno livro **Um pouco da História de Campinas**, de 1985. Entre essas nossas duas publicações, diversos historiadores campineiros divulgaram-nos: Theodoro de Souza Campos Júnior em seu documentadíssimo estudo sobre a fundação de Campinas, incluído na **Monografia Histórica do Município de Campinas** (1952), Jolumá Brito, no terceiro volume de sua extensa **História de Campinas** (1957) e José de Castro Mendes, no segundo fascículo do já mencionado **Suplemento Histórico** do "Correio Popular" (1968).

A dois historiadores, dos mais representativos da nova geração - Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci e Duílio Battistoni Filho - devemos a matéria original deste fascículo. Ambos cuidam de temas de alta relevância e grande interesse para a história da cidade e pelos quais muito vem se interessando a historiografia urbana no Brasil: a ampliação da área original, com a criação e expansão de seus bairros (e Battistoni toma como exemplo o "Bonfim") e a criação e desenvolvimento do sistema de transportes. E para isto, Rangel Ricci julgou importante tratar dos bondes, que a autora considera "um dos marcos do modernismo da cidade". Significativa sua preocupação em reconstituir os itinerários das diversas linhas então existentes, fato hoje pouco lembrado embora não faça ainda trinta anos que os bondes foram suprimidos.

Apoio bibliográfico para as transcrições

D'ALINCOURT, Luís - **Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. Col. "Reconquista do Brasil", v. 25.

Documentos interessantes para a história e os costumes de São Paulo, vol. III. Edição do Arquivo do Estado. São Paulo, Tip. da Companhia Industrial de São Paulo, 1894.

KIDDER, Daniel P. - **Reminiscências de viagem e permanência no Brasil**, vol. I: Rio de Janeiro e província de São Paulo. Trad. de Moacyr de Vasconcelos. São Paulo, Martins, 1940. Biblioteca Histórica Brasileira, vol. 3.

MATOS, Odilon Nogueira de - **Um pouco da história de Campinas**. (Com a colab. de Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci). Campinas, Puccamp, 1985.

Monografia histórica do município de Campinas. Rio de Janeiro, IBGE, 1952.

OTÁVIO, Benedito - **Campinas e a Independência: documentos e notas**. Campinas, Casa Genoud, 1922.

PUPO, Benedito Barbosa - **Oito bananas por um tostão: Campinas de outros tempos**. Segunda edição. Campinas, Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, 1995.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. 40. São Paulo, 1942.

SAINT-HILAIRE, A. de - **Viagem à Província de São Paulo**. Trad. de Rubens Borba de Moraes. São Paulo, Martins, 1940. Biblioteca Histórica Paulista, vol. 2.